

A DIALÉTICA DISCURSIVA DE PEDRO ABELARDO

Miguel Spinelli*

SÍNTESE – O objetivo deste artigo consiste em detalhar como Pedro Abelardo (o precursor da *quaestio* escolástica) transformou a Dialética tanto em método de investigação, quanto em técnica de ensino e de aprendizagem. Neste artigo, são também examinados os seguintes conceitos: o de *probabiliter* e o de *consensus* (referentes ao conhecimento), e o de *mores* (referente à Ética).

PALAVRAS-CHAVE – Dialética. *Probabiliter*. *Consensus*. *Mores*.

ABSTRACT – This article aims at detailing how Peter Abelardo (the precursor of scholastic *quaestio*) transformed Dialectics in either investigatory method or teaching and learning technique. In this article, one also examined the following concepts: the ones of *probabiliter* and *consensus* (related to knowledge), and the one of *mores* (related to Ethics).

KEY WORDS – Dialectics. *Probabiliter*. *Consensus*. *Mores*.

1 – Dentre os escolásticos, Pedro Abelardo foi quem mais colaborou para que a Dialética se transformasse num método de investigação e de ensino na atividade escolar. Ele nasceu nos arredores de Nantes em 1079, e se tornou indiscutivelmente, uma das figuras mais extraordinárias do mundo medieval. De caráter exaltado, e de inteligência aguda, teve uma existência particularmente agitada, seja por causa de sua ininterrupta polêmica com os maiores mestres da época, seja por causa de tristes acontecimentos em sua vida privada, no centro dos quais está certamente a relação amorosa que o ligou a Heloísa.¹

Ele foi a figura de professor mais admirada de seu tempo, quer por sua inteligência, por sua habilidade dialética e, principalmente, por sua irreverência para com os velhos mestres. "Já no início de minha docência (escreve), a minha mes-

* Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: migspinelli@yahoo.com.br

¹ O seu famoso *Epistolário com Heloísa* contém uma interessante biografia por ele mesmo intitulada *História Calamitatum: A História das Minhas Calamidades (Carta Autobiográfica)*, tradução de Ruy Afonso da Costa Nunes, São Paulo, Abril Cultural/Pensadores, 1979, p. 251-282; *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. Tradução (da versão francesa de Zumthor) de L. S. Martins. São Paulo: Martins Fontes, 1989; *Cartas*. (ed. bilingüe). Tradução e comentários de Zeferino Rocha. Pernambuco: Universitária/UFPE, 1997; GILSON, E. *Héloïse et Abélard*. Paris: Vrin, 1964. Há um filme disponível nas locadoras *Em Nome de Deus* dedicado ao romance de Heloísa e Abelardo.

tria na lógica ficou tão universalmente conhecida que fez declinar a estrela dos meus antigos colegas, até mesmo a do meu mestre Guilherme de Champeaux.²

O seu espírito crítico e o seu temperamento vaidoso (como atesta o seu próprio julgamento) o tornaram muito impopular entre os grandes mestres e as pessoas influentes de seu tempo, principalmente entre os “doutores eclesiásticos”, inimigos da Dialética – dentre eles, São Bernardo de Claraval (1090-1153), que, na época, não teve qualquer receio de denunciá-lo (em carta) ao papa Inocêncio II: “Temos na França um homem que [...] quer profanar as Santas Escrituras com seus desvarios e extravagâncias. [...] É um homem temerário que, enquanto se lisonjeia de nada ignorar [...], abre com insolência a boca contra o céu e se esforça em vão por penetrar os profundos segredos de Deus”.³

Em 1141, o Concílio de Sens, na França, condenou Pedro Abelardo por vários “erros”, por exemplo, por ter afirmado que “o Espírito Santo é a alma do mundo”; que “Deus não deve e nem pode impedir os males”; que “não herdamos a culpa de Adão, mas somente a pena”; que “o homem não se torna nem melhor e nem pior por suas penas”,⁴ etc. Numa carta do papa Inocêncio II, dirigida ao bispo de Sens, há um trecho em que ele expressa a determinação conciliar a ser comunicada *in officio* a Abelardo –, dizia a carta: “por autoridade dos Santos Cânones condenamos os capítulos que vossa discrição nos mandou e todas as doutrinas de Pedro Abelardo juntamente com o seu autor, ao qual, como a um herege, impusemos-lhe, e à sua doutrina, perpétuo silêncio”.⁵ Não só ele, mas também os seus seguidores e os “defensores de seu erro” foram condenados à excomunhão... Abelardo faleceu no ano seguinte, em 21 de abril de 1142.

A parte mais importante da obra filosófica de Abelardo foi fruto de sua atividade como professor de Lógica. Ele lecionou em Melun, em Cobeil e em Paris (em Notre-Dame). Sobre a Lógica, ele elaborou uma série de glosas e de comentários, à guisa de uma *introdução*, às obras de Aristóteles (Categorias, Peri Hermeneias, Tópicos e Analíticos), a partir das traduções e das monografias lógicas de Boécio⁶ e, sobretudo, da *Isagogê* de Porfírio. Visto que ele iniciou esses seus comentários com a palavra “*Ingredientibus*”,⁷ esse termo foi adotado (a partir de Ber-

² PETRI ABELARDI. *Epistolae*. Migne. P.L. v. 158, 2, cl. 117.

³ S. BERNARDI ABBATIS. *Contra quaedam capitula errorum Abaelardi Epistola CXC seu Tractatus ad Innocentium Pontificem*. Migne P.L., vol. 182, cl. 1055 – citado por CAMELLO, Maurílio José de Oliveria. “Pedro Abelardo: Da Razão à Fé”. In: *Revista Leopoldianum*, Santos, XIII, 38, 1986, p. 23-30; SILVA, Miriam L. I. “Monarquismo e poder na Idade Média: o exemplo de São Bernardo de Claraval”. In: *Idade Média: Ética e Política*, op. cit., p. 133-150.

⁴ DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia. Manual de los símbolos, definiciones y declaraciones de la Iglesia en materia de fe y costumbre*. Versión por Daniel Ruiz Bueno, Barcelona: Herder, 1963, p. 137-138.

⁵ DENZINGER, Enrique. *El Magisterio de la Iglesia*. op. cit., p. 138.

⁶ Foi Boécio quem traduziu as *Categorias* e o *Peri Hermeneias* de Aristóteles, bem como a *Isagogê* de Porfírio. Além disso, comentou esses tratados, inclusive os *Tópicos* de Cícero, do qual também se serviu Abelardo na *Lógica Ingredientibus*. Boécio, aliás, também produziu escritos originais sobre os silogismos categóricos e hipotéticos, e sobre os argumentos retóricos e dialéticos.

⁷ Temos no Brasil duas traduções da *Lógica Ingredientibus*: *Lógica para Principiantes*, na tradução de Ruy da Costa Nunes. São Paulo: Abril Cultural/Pensadores, 1979; e *Lógica para Principiantes*, re-

nhard.Geyer, em 1919) como título da obra. Nessa mesma época, entre 1113 e 1123, Abelardo refundiu o *Inredientibus* em uma outra obra de lógica dedicada a Porfírio, conhecida por *Nostram petitioni*. Foi a partir dessas duas obras que ele elaborou finalmente a *Dialética*, uma obra sistemática, mesmo que incompleta, dedicada ao estudo geral da Lógica.⁸ Ele escreveu também sobre Ética⁹ (mesmo sem dispor em seu tempo das obras de Aristóteles,¹⁰ e, evidentemente, sobre Teologia¹¹ –, além de elaborar a sua famosa coletânea de citações cotejadas na Patrística, por ele sugestivamente intitulada de *Sic et Non*.¹²

2 – Foi como professor de Lógica que Abelardo se tornou o precursor da *quaestio* escolástica, na medida em que eficientemente a pôs em prática, e simultaneamente a sistematizou e a exercitou em seus escritos. O seu livro *Sic et Non* (*Sim e Não*) foi, nesse sentido, o mais representativo, sendo, por si mesmo, a expressão de um método de ensino e de pesquisa (ou de investigação racional). Ele segue bem de perto algumas regras de argumentação e de discussão formuladas e ensinadas por Aristóteles nos *Tópicos*.

traduzida por Carlos A. do Nascimento. Petrópolis: Vozes, 1994. O original latino foi organizado e publicado entre 1919-1927 por B. Geyer: PETER ABAELARDS *Philosophische Schriften I: Die Logica 'Inredientibus'*. Herausgegeben von Geyer. Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. Münster i. W., 1919, XXI, 1, p. 1-32.

⁸ PETER ABAELARDS. *Philosophische Schriften II: Die Logica 'Nostrorum petitioni sociorum'*. Herausgegeben von Geyer. Beiträge zur Geschichte der Philosophie und Theologie des Mittelalters. Münster i. W., 1973^a, XXI (4), p. 505-580; PETRUS ABAELARDUS. *Dialectica*. First complete edition of the Parisian manuscript by L. De Rijk. Assen: Van Gorcum, 1956, CVI-637; PIETRO ABELARDO. *Scritti di Logica [Introductiones Dialecticae: Editio super Porphyrium; Glosae Categoriae; Editio super Aristotelem De Interpretatione; De Divisionibus. Logica Inredientibus: Super Topica Glossae]*. Editi da M. Dal Pra. Firenze: La Nuova Italia, 1969. XXXIX-330; ABÉLARD, P., *Des Intellections*. Edition, traduction et notes par P. Morin. Paris: Vrin, 1994.

⁹ PETER ABELARD'S. *Ethics*. A Edition with introduction. English translation and notes by D. E. Luscombe. Oxford: Clarendon Press, 1971; by J.R. MacCallum. New York: Richwood, 1976; PEDRO ABELARDO. *Ética o Conócete a ti mesmo*. Estudio preliminar, traducción y notas de R. Santidrián. Madrid: Tecnos, 1990. CHAVES-TANNÚS, Márcio. *A Ética de Pedro Abelardo. Um modelo medieval de aplicação da Lógica à Moral*. Uberlândia: Edufu, 1996; HAMELIN, Guy. "A Lógica como veículo da ética aristotélica em Pedro Abelardo". In: *Revista Cadernos de História e Filosofia da Ciência*. CLE/Unicamp. série 3, v. 7, n. 2, jul.-dez. 1997, p. 179-208.

¹⁰ Abelardo teve contato com a ética de Aristóteles a partir de Cícero, de Santo Agostinho e de antologias de textos da ética aristotélica que circulavam nos meios acadêmicos. A *Ética a Nicômaco*, por exemplo, foi traduzida por volta de 1246-1247 por Roberto Grosseteste. A *Ética a Eudemos* foi traduzida mais tarde por um autor anônimo (DOD, B.G., "Aristoteles Latinus". In: KREZTMANN, N., KENNY, A. & PINBORG, J. (Eds.). *The Cambridge History of Later Medieval Philosophy*. Cambridge: University Press, 1989, p. 48-52, 74-79; DRONKE, P., (Ed.). *The History of Twelfth-Century Western Philosophy*. Cambridge: University Press, 1988, p. 236ss.; BENSON, CONSTABLE & LANHAN (Eds.). *Renaissance and Renewal in the Twelfth-Century*. Oxford: Clarendon Press, 1982; GAUTHIER & JOLIF. *L'Étique à Nicomaque*. I. Louvain/Paris: Publications Universitaires/Béatrice-Nauwelaerts, 1970; MINIO-PALUELLO, L., *Codices: Supplementa altera*. Paris: Desclée, 1961).

¹¹ PETRI ABAELARDI (abbatis rugensis). *Opera omnia: juxta editionem...* acurrante J-P. Migne. Turnhout: Brepols, 1995; *Opera theologica*. Cura et studio eligii M. Buytaert. Turnhout: Brepols (1969) 1982.

¹² PETRI ABAELARDI. *Opera omnia: Sic et Non*. juxta editionem... acurrante J-P. Migne. cc. 130D-610B; ABELARDO, P. *Sic et Non* (Introdução). Tradução de Luis A. De Boni. In: *Filosofia Medieval: Textos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000. p. 121-135.

Aristóteles ensinava que "o raciocínio é dialético quando parte de opiniões geralmente aceitas".¹³ Por *opiniões geralmente aceitas*, ele se refere àquelas que todo mundo admite, ou pelo menos a maioria, ou então os mais notáveis e eminentes. Mas, posto que as opiniões não são prontamente verdadeiras pelo simples fato de serem defendidas por todos (ou pela maioria, ou pelos mais sábios), e sim em razão de uma correta formulação argumentativa, caberia pois, ao dialético abalar as bases de qualquer argumento que lhe parecesse mal formulado. Por ser, bem por isso, a Dialética "um processo de crítica",¹⁴ então caberia igualmente ao dialético afrontar argumentos, sobretudo desconfiar das convicções alheias (da maioria ou mesmo dos mais sábios), pois poderiam não ser as melhores, nem as mais verdadeiras. Aristóteles, por outro lado, também ensinava que "o raciocínio sempre consiste num pequeno número de premissas",¹⁵ de modo que *todo raciocínio é um argumento*. Com efeito, mesmo que todo argumento parta sempre de certas premissas, não se dá que toda premissa seja dialética -, e Aristóteles dá dois exemplos: (a) "o que é o homem?", (b) "quantos significados tem o *bem*?" ; e justifica: uma "premissa dialética deve ter uma forma à qual se possa responder *sim* ou *não*; no caso das duas perguntas acima, isso não é possível" ...¹⁶

Eis aí, em Aristóteles, os princípios básicos sobre os quais se apoiou o método aporético (da promoção do conflito de opiniões, expresso no *Sic et non*) de Abelardo. Este seu método consistia em tratar de um determinado assunto, elencando e discutindo da maneira mais completa possível, todas as opiniões a *favor* (*videtur quod sic*) e *contra* (*videtur quod non*) expressas em torno dele. Sua operacionalização (enquanto dissertação escrita ou debate oral) processava-se do seguinte modo: uma vez posto o problema (uma conhecida tese controversa, ou outra qualquer, estabelecida como objeto de investigação), seguia-se o elenco de argumentos a *favor* e os *contra*, que eram citados e debatidos. O seu objetivo parecia bastante evidente: alcançar, através de argumentações favoráveis e discordantes, o consenso (*consensus*), ou melhor, o provável (*probabiliter*).

O que Abelardo de fato entendia por *probabiliter* tem mais a ver com o sentido de prova ou demonstração, do que com o de *probabilidade*, em sentido estrito. A Lógica, segundo dizia (servindo-se de Aristóteles), é *ciência da argumentação*; como tal, deveria ter por objeto distinguir "os argumentos válidos dos improcedentes", e assim determinar a razão pela qual os válidos são verazes e, os improcedentes, inválidos. Era, pois, função da Lógica *purgar* antes, todos os argumentos (a respeito de um determinado assunto), para depois concluir pela *probabilidade*.

Abelardo ensinava que, diante de opiniões que se contradizem, é dever da mente *consentir* que só uma delas é a verdadeira (mesmo que permaneça o temor de que a verdadeira possa ser a opinião oposta). Neste caso, o *probabiliter* deveria

¹³ ARISTÓTELES. *Tópicos*. I, 1, 100a 30.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Tópicos*. I, 2, 101b 4.

¹⁵ ARISTÓTELES. *Tópicos*. VIII, 2, 158a 28.

¹⁶ ARISTÓTELES. *Tópicos*. VIII, 2, 158a 16-17.

ser fruto de um discernimento racional (da *ratio discerendi*),¹⁷ de modo que ele não se apoiaria jamais em qualquer outra autoridade (nem na certeza da fé) a não ser na da razão. Ele poderia inclusive desafiar o *consentimento* das autoridades, mas não o *consensus* racional. Ora, por *consensus*, Abelardo não tinha, de modo algum, a intenção de se referir, digamos, a um assentimento intersubjetivo – nos termos, por exemplo, de uma parceria ou pacto de vontades. Pelo seu ponto de vista, o *consensus* dizia respeito a um *consentimento* enquanto ato intelectual, mediante o qual a razão não concorda com outra coisa a não ser *consigo mesma*. Se, com efeito, a razão não concorda com outra razão, isso é outro problema –, mais exatamente, é um problema da própria Dialética, cuja função, na definição de Abelardo, consiste no seguinte: “em distinguir a verdade da falsidade”. Afinal, diz ele, ela é a “condutora de todo o conhecimento”, de modo que “detém a primazia e a direção da Filosofia”.¹⁸

Além de gnosiológico, o conceito de *consentimento* (enquanto *ato intelectual*), tem um sentido ético. Melhor dizendo, ele se constitui no ponto de partida da reflexão ética de Abelardo. Foi referindo-se à idéia do *consensus* que Abelardo fez da *intenção interior* o sustentáculo da moralidade. No agir moral, ele distingue a deliberação da *vontade* (da *intentio* ou do *consensus*) da *ação* propriamente dita.¹⁹

A ação em si mesma é tida por ele como sendo nem boa e nem má; o que a torna boa ou má é a intenção do agente. Quer dizer, uma ação é moralmente boa não porque contém em si mesma algo de bom, mas porque é mérito de uma *intenção* objetivamente boa. Por um lado, a ação por si, não acrescenta nada à intenção; por outro, o mérito da intenção independe da ação, ou, dito de outro modo: não é, por princípio, a ação que ajuíza o mérito da intenção. A intenção deve ser reta por si mesma.²⁰ Portanto, visto que a ação depende do mérito da intenção, então o vício e o pecado não são inatos (“heranças da culpa de Adão”), mas fruto de um consentimento da vontade,²¹ ou então de uma propensão (*pronus*) advinda

¹⁷ “Est autem logica Tullii auctoritate diligens ratio discerendi, idest discretio argumentorum per quae disseritur, idest disputatur. Non enim est logica scientia utendi argumentis sive componendi ea, sed discerendi et diiudicanti veracite de eis, quare scilicet haec valenat, illa infirma sint” (PETER ABELARDS. *Philosophiche Schriften II: Die Logica 'Nostrorum petitioni sociorum'*. XXI (4), p. 506).

¹⁸ PETRI ABAELARDI. *Dialectica*. In: Cousin. V. *Ouvrages inédits d'Abélard*. Paris: 1836, p. 434-435. Apud: ESPINOSA, F.. *Antologia de Textos Medievais*. Lisboa: Sá da Costa, 1981, p. 260.

¹⁹ “Cum itaque dicimus intentionem hominis bonam, et opus illius bonum, duo quidem distinguimus, intentionem scilicet ac opus” (PETRI ABAELARDI. *Ethica seu Scito te ipsum*. In: Migne. P.L. 158, 650 C).

²⁰ “Bonam quippe intentionem, hoc est, rectam in se dicimus; operationem verò, nom quod boni aliquid in se suscipiat, sed quod ex bona intentione procedat” (PETRI ABAELARDI. *Ethica seu Scito te ipsum*. In: Migne. P.L. 158, 652 C); “Non enim quae fiunt, sed quod animo fiant pensat Deus, nec in opere sed in intentione meritum operantis vel laus consistit” (ABELARD, P., *Ethics*. Apud: LUSCOMBE, D.E. (Ed.). *Peter Abelard's 'Ethics'*. Oxford: Clarendon Press, 1971, p. 28).

²¹ “Vitium scilicet animi, quod ad peccatum pronos efficit, ac postmodum ipsum peccatum, quod in consensu mali, vel contemptu Dei statuimus; deinde mali voluntatem malique operationem” (PETRI ABAELARDI. *Ethica seu Scito te ipsum*. In: Migne. P.L. 158, 645 C); “Vitium itaque est quo ad peccandum proni efficitur, hoc est, inclinamur ad consentiendum ei quod non conuenit, ut illud scilicet faciamus aut dimitamus” (ABELARD, P., *Ethics*. Apud: LUSCOMBE. p. 4).

dos costumes: "Denominamos *costumes (mores)* os vícios ou as virtudes da alma que nos inclinam a realizar más ou boas ações".²²

Por *costumes (mos, moris)*, bem provavelmente, Abelardo quisesse designar o que os gregos entendiam por *êthos*. Por *êthos*, os gregos concebiam um modo de habitar ou de viver a Pólis, dependente ou da *sabedoria (sophia)*, ou da *arte (téchnê)* ou da *ciência (epistême)* correspondente a um determinado nível de compreensão dentro do qual o indivíduo se encontrava situado; em qualquer circunstância, o *êthos* dizia respeito a um *saber*, mais precisamente a vários níveis de saber, do mais simples ao mais sofisticado.²³

Também em Abelardo, o *mores* diz respeito a um modo de habitar ou de viver o Mundo, em dependência de um *saber* correspondente a níveis de compreensão ou de inteligibilidade condicionante da ação. Esses níveis, porém, não estão diretamente relacionados (nos termos do *êthos* gregos) à tradição ancestral ou à experiência com a qual se forja a sabedoria humana. Não é essa a questão. Para Abelardo, a intenção (regente da ação) deve ser *boa em si mesma* (mas não autônoma), pois, como tal, deve se conformar à vontade de Deus – algo assim, no sentido de que o humano deve forçosamente querer o que Deus quer.²⁴

São os infiéis, diz ele, que seguem as suas próprias convicções;²⁵ de modo que os fiéis devem adaptar o seu arbítrio ao da vontade divina... É, portanto, neste empenho de adaptação que, no agir cristão, transparecem níveis de excelência moral. Mas, bem entendido! Dado que há um inevitável descompasso entre a intenção e a ação, é preciso sempre pressupor duas coisas: a) que a boa intenção não necessariamente corresponde a boa ação; b) que o caráter ético da ação (e, portanto, o julgamento do mérito) deve ser imputado antes à intenção – objetivamente boa, ou seja, condizente (não com convicções subjetivas ou humanas, mas) com os ditames da vontade de Deus.

3 – Foi a prática do método dialético na atividade professoral que fez de Abelardo um escolástico diferente dos demais. O que ele pôs em prática resultou distinto do que se fazia tanto na Dialética escolástica, quanto na Dialética grega, mas não radicalmente.

No caso da Dialética grega, ela era aberta, e, como tal, tinha como propósito produzir quase sempre, ou de sólito, uma multiplicação sucessiva de oposições. O pressuposto fundamental que orientava a prática da Dialética grega, assentava-se na máxima, amplamente aceita pelos filósofos, de que *todo logos era uma medida*,

²² "Mores dicimus animi vicia vel virtutes quae nos ad mala vel bona opera pronos efficiunt dimitamus" (ABELARD, P., *Ethics*. Apud: LUSCOMBE, p. 2).

²³ Sobre o conceito de *êthos* confira *Filósofos Pré-Socráticos*, p. 216ss., 237ss., 242, 248, 250.

²⁴ "Non est itaque intentio bona dicenda, quia bona videtur, sed insuper quia talis est sicut existimatur, cum videlicet illud, ad quod tendit, si Deo placere credit, in hac insuper existimatione sua nequaquam fallatur" (PETRI ABAELARDI. *Ethica seu Scito te ipsum*. In: Migne. P.L. 158, 653 B).

²⁵ "Qui enim Christum ignorat, et ob hoc fidem Christianam respuunt, quia Deo contrariam credunt, quem in hoc Dei contemptum habent quod propter Deum faciunt..." (PETRI ABAELARDI. *Ethica seu Scito te ipsum*. In: Migne. P.L. 158, 653 D).

de modo que um *diá-logos* seriam duas medidas, que, postas uma frente à outra (dependendo do assunto em discussão), proporcionavam imediatamente o confronto. Não era, porém, função da Dialética resolver ou eliminar o confronto (ou a divergência), mas tão-somente contorná-lo... Quanto à Dialética escolástica, ela era, por princípio, fechada, pois trabalhava no sentido de absorver ou eliminar oposições. Armado com o seu esquema conceitual, o escolástico buscava a todo custo construir um todo coeso, ou seja, uma unidade sem contradições. O seu objetivo principal consistia em buscar a *evidência*, que, uma vez posta, excluiria qualquer outra tentativa de demonstração...

Abelardo, por sua vez, reproduz não exatamente o modo grego, ou digamos, o modelo, por exemplo, com o qual Platão e os acadêmicos promoviam entre si o *diálogo*. Mas, o que faz é muito parecido: ele põe os autores e suas opiniões (em especial as dos primeiros padres) a dialogarem entre si. Cuidadosamente ele seleciona o que cada um pensou a respeito disso ou daquilo; põe um frente ao outro, e assim constrói o conflito de opiniões (mediante o qual busca o *consensus* ou o *probaliliter*). O seu método, porém, não se resume em uma simples coletânea de citações retiradas de livros e de autores autorizados. Ele vai bem mais além: submete-os à dúvida, ao questionamento e à análise crítica. É *duvidando* (dizia), que *chegamos à investigação*; e é *investigando*, que *percebemos a verdade* (*dubitando ad inquisitionem venimus; inquiriendo veritatem percipimus*).²⁶

Cabe não esquecer que, naquela época, "os métodos da Teologia eram ainda bastante rudimentares; um dos mais empregados era o método das glosas [...] que consistia essencialmente, num simples alinhamento (*catenae*) de passagens tiradas da Escritura e dos santos Padres".²⁷ O método, na prática, se resumia no seguinte: num ordenamento de opiniões, ou *elenco* de argumentos, geralmente de teses entre si contraditórias. O acadêmico alinhava (em forma de citações) vários argumentos sobre um certo assunto ou questão, concatenava-os entre si, colando os discordantes frente aos concordantes (ou vice-versa).

O método das glosas foi, na prática, muito utilizado por Abelardo, mas o mestre Anselmo de Laon (que fora aluno de Santo Anselmo no Mosteiro de Bec, e que faleceu em 1117) era o grande especialista da época. Os seus *elencos* se tornaram célebres. Ele também era afamado como professor de Teologia, do qual Abelardo freqüentou as aulas, em razão das quais dedicou ao mestre um de seus mais impiedosos julgamentos: "Aproximei-me então daquele velhote (escreveu mais tarde) que devia a sua reputação mais à idade avançada do que ao talento ou à cultura. [...] Se nos contentássemos em escutá-lo, ele parecia admirável, mas se lhe fizéssemos perguntas, se revelava uma nulidade. Quanto ao palavreado, era admirável, mas lhe servia somente para disfarçar a pobreza de idéias. A sua chama enchia a casa de fumaça ao invés de iluminá-la. De longe a sua árvore, cheia de folhagens,

²⁶ PETRI ABAELARDI. *Opera omnia: Sic et Non*. Prologus. P.L. 178, cl. 1349 B

²⁷ BOEHNER & GILSON. *História da Filosofia Cristã*. Trad. de Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 1970, p. 307.

atraía os olhares, mas, de perto, quando observada com mais cuidado, não havia fruto algum”.²⁸

Que tenha sido o velhote o que realmente foi. No entanto, o que a descrição de Abelardo traz de sugestivo é o novo espírito que se instalou no interior da vida acadêmica: o despeito frente ao mestre, o questionamento de seu saber, a análise e a dúvida sobre a veracidade de seus conceitos. Personalizando esse ambiente, Abelardo representava o protótipo da nova figura do intelectual de sua época: alguém que se ocupava cuidadosamente com o saber já conquistado, mas punha em dúvida os ensinamentos dos grandes mestres, inclusive as doutrinas das autoridades historicamente constituídas; alguém, digamos assim, que recorria à tradição, mas confiava em seus recursos metodológicos, e, acima de tudo, nos dotes de sua própria inteligência investigadora.

Enfim, a diferença entre Abelardo e o mestre de Laon parece ter sido a penetração crítico-especulativa no estudo das citações. De modo distinto de Anselmo, Abelardo substituiu o *argumento da autoridade* (que, em Aristóteles, correspondia ao conceito de *opiniões geralmente aceitas*²⁹) pela necessidade da argumentação crítica e racional. Posto que os argumentos dos velhos padres eram, entre si, discordantes, e, por vezes, contraditórios, ele acreditava que era necessário, antes, resolver entre eles o contencioso,³⁰ para depois estabelecer teses ou premissas (pontos de partida da Teologia) livres de contradição. Entre um padre que dissera *sim* e outro que dissera *não*, caberia à razão (à *autoridade* da razão) decidir sobre tais antinomias e contradições (*consentir* com a verdade). Visto que a *primeira chave que define a sabedoria é a assídua e freqüente interrogação*,³¹ era então indispensável examinar rigorosamente o universo das contradições...

O fato é que o método do *Sic et Non* de Abelardo não queria simplesmente (no confronto do mestre Anselmo) perpetuar o método das *glosas*, ou seja, ser passivo, fazer um simples elenco de oposição de contrários. Ele tinha como finalidade garantir o êxito da investigação, e isso queria dizer: proporcionar condições favoráveis a um juízo acertado e correto. Por isso tinha como propósito ampliar ao máximo o conflito das opiniões, a fim de fundamentar e garantir o bom julgamento. De alguma maneira, Abelardo se dispunha a praticar o que ensinava Aristóteles no livro III da *Metafísica*: “é evidente que está em melhores condições para julgar aquele que ouviu, como se fossem partes litigantes, todos os argumentos opostos”.³² Mas, se, por um lado o *sic et non* tinha como meta garantir o bom êxito na busca da verdade, por outro, expressava a justa medida do espírito de Abelardo:

²⁸ ABÉLARD. *P. Historia Calamitatum*. 3, 123 A (Texte critique avec une introduction par J. Monfrin. Paris: Vrin, 1978).

²⁹ ARISTÓTELES. *Dos Argumentos Sofísticos*. 2, 165b 3-4.

³⁰ “Argumentos contenciosos ou erísticos são os que raciocinam ou parecem raciocinar a partir de opiniões que parecem ser geralmente aceitas, mas em realidade não o são” (ARISTÓTELES. *Dos Argumentos Sofísticos*. 2, 165b 7-8).

³¹ Haec quippe prima sapientiae clavis definitur, assidua scilicet seu frequens interrogatio (PETRI ABAELARDI. *Opera omnia: Sic et Non*. Prologus. P.L. 178, cl. 1349 A).

³² ARISTÓTELES. *Metafísica*. III, 1, 995b 25-26.

um espírito ativo, crítico e contraditor. É esse *espírito* que fora levado para o interior das escolas dos velhos mestres, e que causou espécie ou indisposição. O fato é que, desde o início, assim que se introduziu nas escolas, particularmente em Paris (onde a Dialética era altamente estimada), o encontro de Abelardo com os velhos mestres provocou conflitos inevitáveis na sala de aula, e a sua presença deu uma nova vida à corporação universitária.

4 – Da Dialética como técnica pedagógica da escolástica, Abelardo a transformou num método de pesquisa e, com ele, provocou no interior das Escolas a necessidade de se produzir o saber investigando. Abelardo inaugurou assim, sobretudo através do incentivo à disputa dialética, uma nova figura de universitário e de pensador medieval: alguém que deveria buscar o saber na tradição, mas mediante rigorosa investigação lógico-racional. A Dialética, para ele, era o bom caminho na busca da verdade,³³ enquanto que a razão (ou melhor, o bom desempenho da razão dialéticamente exercitada) seria a única autoridade. Esse seu modo de conceber e de produzir o saber surtiu muito bom efeito na Teologia (e, posteriormente, nas Ciências Humanas). A sua opinião teve, já no seu tempo, um importante efeito na dissolução de preconceitos, e foi muito útil no encorajamento do exercício destemeroso da inteligência. “Não é suficiente implorar do Senhor (ensinava), pela oração, a inteligência daquilo que não compreendemos nas Escrituras, mas devemos pesquisar, disputando uns com os outros”.³⁴

Abelardo transformou, sim, a Dialética num método de pesquisa (*quaerite disputando (procurai disputando)*), mas de modo a anteceder a pesquisa à própria *discussão*. Em sua prática professoral, a atividade de pesquisa não se isolava do ensino e da sala de aula. Ele também não admitia, fosse qual fosse a *autoridade* (nomeadamente a da Patrística), como sendo a dona de um saber incontestável; afinal, confrontadas entre si, todas revelavam contradições e antinomias. Como professor, ele ensinava também que, para *disputar* uns com os outros (esse, agora, era o sentido preferencial da Dialética), era preciso munir-se de antemão (mediante estudo e pesquisa) de argumentos: de um *saber* a ser confrontado na *disputa (quaeremus disputando (procuremos disputando))*, mas, não com o objetivo puro e

³³ “Ultimamente, os meus rivais inventaram uma nova calúnia contra mim, pelo fato de eu escrever sobre a arte da dialética, dizendo que não é permitido a um cristão tratar de coisas que não digam respeito à fé. Eles dizem que esta ciência não nos prepara para a fé, e que inclusive a destrói, pelas implicações de seus argumentos. [...] Se admitem que essa arte milita contra a fé, decerto pensam não ser ela uma ciência, uma vez que a ciência da verdade é a compreensão de coisas cuja espécie é a sabedoria na qual a fé consiste. Ora, a verdade não se opõe à verdade [...], nem a bondade ao que é bom; ao contrário, todas as coisas boas estão de acordo entre si, e todo conhecimento é bom...” (PETRI ABAELARDI. *Epistolae*. In: Migne. P.L. v. 158, 13, cols. 351-355. Apud: BOEHNER & GILSON. op. cit., p. 317).

³⁴ PETRI ABAELARDI. *Dialectica*. In: Cousin. V. *Ouvrages inédits d'Abélard*. Paris: 1836, p. 434-435. Apud: ESPINOSA. F. *Antologia de Textos Medievais*. op. cit., p. 259.

simples de refutar (gloriosamente) o saber do adversário, e sim para fazer com que o erro cedesse à verdade, e que os sofismas ficassem longe dos dialéticos.³⁵

O fato de Abelardo ter estabelecido a dúvida e a argumentação crítica como (método de se processar conhecimento) foi, por certo, uma grande conquista e uma provocação aos intelectos de seu tempo. O método *sic et non* (o dos prós e dos contras ou das contradições) apresentava obviamente, muitos aspectos positivos e testemunhava um esforço de objetividade. Ele foi um método que surtiu efeito particularmente na análise crítica de questões históricas, e parece que, de fato, foi assim que Abelardo o concebeu, ou seja, como método acadêmico de análise histórico-crítica (de contradições e antinomias).

Abelardo, com efeito, sob vários aspectos, andava em vantagem a seu tempo. Noutros, apesar do vigor de sua inteligência e do seu propósito de dar sustentação racional à sua própria crença, permanecia ainda fechado em problemas teológicos tradicionais. A sua maior preocupação, em relação a esses problemas, consistia numa aplicação mais decisiva da Lógica no aprofundamento racional da fé cristã. Referindo-se a assuntos da fé e da crença, postos pelas Escrituras, ele (acuado pela própria crença e pela vigilância canônica) procurava manter em tudo a mesma atitude da ortodoxia, permanecendo nos limites do dogmatismo constituído pela crença.

Todos, na época, inclusive ele, sabiam que em matéria de fé não havia espaço para a conjectura! Como qualquer outro escolástico, ele também buscava fórmulas e modelos adequados para produzir "argumentos verdadeiros (*veritate rationum*)" (segundo a sua expressão) sem, no entanto, correr o risco de invalidar a crença. Foi por isso que, depois dele, a fórmula (de Santo Anselmo) *comprender para crer*, aliada às utilidades da Dialética, estabeleceu-se definitivamente nos meios escolásticos. Até mesmo os antidialéticos, lentamente foram obrigados a ceder, passando, também eles, a recorrer à Dialética, inclusive justificando que, se bem empregada, seria muito útil à fé cristã.

Em síntese, mesmo que haja em Abelardo indiscutíveis méritos de habilidade filosófica (na Lógica, na Teoria de Conhecimento e na Filosofia da Linguagem), ou que nele se reconheça dotes extraordinários de investigação filosófica e de análise histórico-crítica, a Filosofia, porém, ainda permanece envolvida sobretudo com a constituição da própria Teologia. Nele, a Lógica, por exemplo, tem como finalidade, em última instância, combater heresias: "Não seremos capazes (dizia) de rebater as investidas dos hereges ou de quaisquer infiéis, se não soubermos refutar suas argumentações e invalidar seus sofismas com argumentos verdadeiros..."³⁶ A *verdadeira filosofia*, para ele, é ainda a Teologia. A Filosofia propriamente dita, e como era comum nas Escolas, mantinha-se restrita às sete Artes Liberais, mas, em Abelardo, ela se reduz essencialmente à atividade Dialética.

³⁵ ... ut cedat falsitatis veritati, et sophistas reprimant dialectici (PETRI ABAELARDI. *Epistolae*. In: Migne. P.L. vol. 158, 13, cols. 351-355. Apud: BOEHNER & GILSON. op. cit., p. 317.).

³⁶ Id. *Ibidem*, p. 317.

Em conclusão, no contexto pouco demarcado entre as disciplinas do *trívio* (Dialética, Retórica e Gramática), a Dialética ocupou um lugar de destaque como método de investigação racional e como disciplina ou *técnica* acadêmica. Era através dela que o escolástico se aprimorava na investigação racional. No entanto, tida como sinônimo de livre atividade racional e de produção de discurso (pois se confundia, de alguma maneira, à Gramática e à Retórica), ela esbarrou em muitas dificuldades impostas principalmente por parte da Igreja (defensora da tradição e da ortodoxia da crença). Mesmo a sua principal função, a de ser o instrumento primordial na estruturação do discurso teológico, demorou a estabelecer-se. A grande dificuldade adveio do pressuposto da crença: da necessidade de primeiramente aceitar pela fé o que, em geral, nem mesmo a razão poderia conceder. Tratava-se, portanto, de uma questão delicada, sobretudo muito limitadora para quem queria ou devia formular explicações racionais cercado por esse contexto. Com tal pressuposto, eliminava-se de saída, qualquer tentativa inteligente de criação ou de invenção. Dado que não estava em questão pôr em crise o pressuposto, então o escolástico ficava constrangido a concluir pelo que já sabia; caso contrário, seria o mesmo que suspeitar da própria fé. O máximo que poderia fazer era *expressar-se* racionalmente, e isso queria dizer formular (mediante estratégias do discurso lógico) uma explicação retórica (convincente) da própria crença. Foi assim que a Lógica assumiu o seu significado instrumental aplicado aos assuntos da crença, que se transformou finalmente na estratégia metodológica da Teologia, permanecendo a Filosofia adstrita às sete Artes Liberais ou reduzida ao saber acadêmico.